

Os intelectuais e a negação do feminino

Daniela Garces de Oliveira

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em História pela PUCRS

RESUMO: A obra de Sérgio Buarque de Holanda dará o tom a essa comunicação que esquadrinhará a ausência do sujeito feminino nos apontamentos deste autor. A negação do feminino travestido de ausência mostrará a relação intertextual do discurso de Sérgio Buarque de Holanda. Sob o signo da modernidade que determinará o "lugar de cada um nessa sociedade", sobretudo o feminino, que terá essa opressão acentuada pelos limites estabelecidos do ambiente privado, procurei perceber como o recorte temporal e as mudanças desse tempo estão presentes nesta obra. Esse trabalho também dialoga com outros autores intelectuais, observando como estes autores perceberam o mundo feminino ou tão somente o excluíram. Todavia é possível pensar nos estratagemas vestidos pelo feminino na forma de resistência nessa relação de força, ou nessa relação de dança, no qual um leva o outro ou o outro leva o um.

PALAVRAS-CHAVE: negação, feminino, intertextualidade

A posição dos intelectuais brasileiros sobre o feminino passa pela análise de Raízes do Brasil, obra de Sérgio Buarque de Holanda. Dividida em sete capítulos, com um apanhado das sutilezas comportamentais de uma determinada sociedade, especificamente a sociedade brasileira, pautada pela influência portuguesa e espanhola. No seu texto o autor fala dos percursos da história através dos traços culturais do povo brasileiro. De uma leitura geral para uma uma leitura minuciosa percebe-se a sujeição da mulher. Essa sujeição é marcada pelo não dito, inscrito na intertextualidade. A ausência desse sujeito em seus escritos denota claramente a posição de Holanda.

Num mundo masculino a mulher não participa dos debates acalorados da formação da sociedade brasileira, tampouco é citada como sujeito. Em um dos únicos momentos que este sujeito feminino aparece no seu texto é no papel mais dócil que a mulher poderia exercer em sua existência: o papel de mãe. Aspectos culturais são muito bem explicitados por Sérgio Buarque de Holanda, porém a cultura não passa pelo feminino. As mulheres no período dos apontamentos dessa obra já havia saído para o mundo do trabalho, já reivindicavam o sufrágio universal, já haviam

àquelas que partiram para o desvio daquele discurso predominante. Todavia o desvio é negado, escondido, passível da não existência. Em uma obra com tal emblema, o sujeito feminino não aparece, não há significações para esse indivíduo.

Explicando pretensamente em seu texto a complexidade das relações culturais da nossa sociedade, não se observa as ambiguidades sociais, as tensões entre masculino e feminino, se quer percebe-se o caráter relacional entre esses dois sujeitos. Na teoria de Sérgio Buarque de Holanda não há espaço para todos os sujeitos, há apenas relevo para o sujeito masculino, criador e mediador das relações sociais. Esse sujeito carregado de personalismos, herança de nossa colonização, explicação dada pelo autor a tantos vícios do poder, a tantos equívocos praticados na política do país.

O período que Sérgio Buarque de Holanda escreve sua obra é assinalado pelo progresso, pela modernidade. E estes processos de modernização que acentuam a opressão sobre o sujeito feminino passam pelos escritos de Sérgio Buarque de Holanda através da intertextualidade.

Novas reformulações do espaço urbano sinalizam as mudanças advindas do período, ruas são abertas, avenidas são alargadas, mendicantes são removidos. A dinâmica da cidade e do campo são modificadas pelo projeto social incorporado pelo Estado na reordenação dos poderes, no progresso, em detrimento ao retrocesso. E a esse projeto que parte do Estado, os sujeitos irão se imiscuir, ocupando cada vez mais o seu lugar nessa sociedade ordenada. Esse caráter relacional de homens e mulheres está fora do texto de Raízes do Brasil.

O fenômeno de disciplinarização da população será acentuado na modernidade, nesse período será designado os diversos papéis sociais socialmente construídos vestidos pelos homens e mulheres. A mulher cabe a função de rainha do lar, educadora dos filhos e principalmente subordinada e totalmente submissa ao seu marido. O discurso que à mulher cabe o âmbito privado ganha força com o advento da modernidade. Segundo Perrot:

As fronteiras entre o público e o privado nem sempre existiram. Elas mudam com o tempo. Sua evolução, a fragilidade do seu equilíbrio, a tendência global à privatização com fases alternadas de “público” e “privado” são um dos principais temas da reflexão contemporânea, ilustrada principalmente por J. Habermas, R. Sennett, Hirschman. O século XIX liberal marcaria um divisor na questão, mesmo que a “sociedade civil”, entre o Estado e o indivíduo privado, continue a ser, pelo menos na França, um conceito um tanto vago.[...] Essa exclusão das mulheres pouco condiz com a Declaração dos direitos do homem, que proclama a igualdade

entre todos os indivíduos. As mulheres não seriam “indivíduos”?[...]”¹

Essa indagação de Michelle Perrot perpassa esse esforço de perceber a mulher que o século XX cria. Entre a rainha do lar e a trabalhadora do bordel há uma grande distinção, certamente óbvia. Porém distinções também são feitas entre donas de casa e donas de casa, entre si não há cumplicidade. Uma repudia a outra, corroborando àquilo que Joan Scott pontua como a maioria desunida. Essa não solidariedade também é historicamente construída, também é percebida através da oralidade, também corrobora a análise de Scott. O fuxico, o falatório a respeito daquela que ousa transgredir o costume tende a desconstituir a humanidade dos indivíduos e coloca esta à margem da sociedade.

Contudo esse projeto de modificação da sociedade, atingindo todas as esferas do poder, desde o mais alto escalão até o indivíduo que está lá em baixo encontra um papel “legítimo” para esta mulher: a figura da mãe. Nesse processo de nova ordenação da sociedade, essa mulher encontra guarida nesse papel esperado como ideal de feminilidade. Porém há as mulheres das camadas mais pobres, essas constituindo a maioria desse sujeito mulher, estas porém são guardiãs de outros saberes, estas são as parteiras, as curandeiras, as que podem dar vida e a tirar. Estas são as que devem ser controladas por esta nova ordenação de poder. Conforme Perrot, “se esta mulher não tem poder, ela tem poderes” (PERROT, 1988 p.167). É esta mulher que ronda o imaginário social, e esta mulher que assombra o sujeito masculino.

Falando da identidade nacional e da construção de costumes próprios dos moradores dos trópicos, Sérgio Buarque de Holanda procura estabelecer perspectivas de longa duração a cerca da sociedade brasileira, porém nega o feminino, quando somente refere-se a sociedade do homem. Na construção de sua análise, da semente do homem até sua raiz, percebemos o quanto o discurso desse intelectual, comum a outros intelectuais do período, inscreveu-se no não dito sobre esse sujeito mulher e criou o imaginário da ausência. Com efeito no âmago desse pensamento o outro não encontra-se designado, não encontra-se inscrito, o feminino não é da ordem do descrito, ela não está no texto, ela não faz parte do discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BERNARDES, Maria Thereza Crescenti. *Mulheres de Ontem? (Rio de Janeiro séc. XIX)*, São

1 PERROT, Michelle. 1988.p.176 e 177.

Paulo: T.A. Queiroz., 1989.

DEL PRIORE, Mary (org.). *História das Mulheres no Brasil*, 2 ed, São Paulo: Contexto, 1997.

DEL PRIORE, Mary. *Ao Sul do Corpo: condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia*, 2 ed, Rio de Janeiro: José Olympio, 1995.

HAHNER, June E. *A Mulher Brasileira e suas Lutas Sociais e Políticas: 1850-1937*: São Paulo: Editora Brasiliense, 1981.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. *Raízes do Brasil*, 12 ed. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1978

PERROT, Michele. *Os Excluídos da História: operários, mulheres, prisioneiros*: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

SANTOS, Maria Izilda M. de. *Por uma História da Mulher*: Bauru, SP: EDUSC, 2000.

_____. *Meu lar é o botequim: alcoolismo e masculinidade*: São Paulo: Ed. Nacional, 2003.

SCOTT, Joan. *História das Mulheres*. In: BURKE, Peter (org.). *A Escrita da História-novas perspectivas*: São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

_____. “*Gênero: uma categoria útil de análise histórica*”. In: *Educação e Realidade*: Porto Alegre: Faculdade de Educação – UFRGS, vol.16, julho-dezembro 1990.